

# Inglaterra dará apoio através de negociação do Clube de Paris

por Célia de Gouvêa Franco  
de Brasília

O governo inglês está disposto a participar da nova fase de renegociação da dívida externa brasileira e seu apoio se dará basicamente através das negociações do Clube de Paris, onde é o terceiro maior credor do País. Essas informações foram prestadas ontem pelo assessor para a América Latina do Banco da Inglaterra (o banco central inglês), Alan Crawford, que está no Brasil para levantar os dados mais recentes sobre a economia nacional, especialmente quanto à inflação, ao balanço de pagamentos e ao déficit público. Crawford, que esteve rapidamente com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, não quis comentar sua impressão sobre o País em comparação com a última vez em que esteve em Brasília, em abril.

O apoio do governo inglês ao Brasil também se manifestaria de outra forma, lembrou Crawford. No recente encontro de Pastore com os bancos privados, em Londres, um representante do Banco da Inglaterra, Anthony Loehnis, esteve presente e pediu expressamente a colaboração dos bancos ingleses. Pastore, em rápida entrevista, também lembrou a participação de Loehnis e garantiu que o Banco da Inglaterra jamais se negou a colaborar com o Brasil, ao contrário do que se divulgou durante sua viagem à Europa, há duas semanas.

Existem, porém, dúvidas quanto ao total devido pelo

Brasil à Inglaterra, no âmbito das operações do Clube de Paris. Na visão brasileira, esse volume seria de US\$ 150 milhões; para os ingleses, US\$ 300 milhões. Essa divergência não deriva necessariamente de um erro brasileiro, comentou Crawford. De qualquer forma, o governo inglês acha que, por participar tão firmemente da negociação a

nível de Clube de Paris, poderá reduzir a oferta de créditos comerciais. Mesmo porque as relações comerciais entre os dois países não são tão intensas e os financiamentos a serem concedidos nessa área deverão ser proporcionais ao comércio.

Crawford manteve, na semana passada, uma série de contatos com repre-

sentantes do setor privado, especialmente com bancos em São Paulo: Bradesco, Itaú, Real, Bank of Boston. Hoje, ainda em Brasília, terá encontros com economistas do governo e depois segue para o Rio, onde tem reuniões já marcadas no Banco do Brasil — na diretoria internacional e na Cacex —, no BNDES, na Souza Cruz e na Shell.